**FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA**

**O SONHO AMERICANO: CONSIDERAÇÕES QUANTO AO CONTEXTO
HISTÓRICO DAS DÉCADAS DE 1920 E 1930 E A PEÇA “MORTE DO CAIXEIRO
VIAJANTE” DE ARTHUR MILLER**

TIBURCIO, Jaqueline¹

RODRIGUES, Vinicius Keller²

ANDRADE, Valter Zotto de,³

RESUMO

Este artigo apresentará um pouco do contexto histórico da vida de Arthur Miller e de sua peça, *A Morte do Caixeiro Viajante*, procurando, assim, elucidar alguns dos pontos da peça, principalmente quanto à visão de Miller em relação ao Sonho americano. O termo Sonho americano tornou-se o *ethos* nacional dos Estados Unidos da América. É um conjunto de ideais entre os quais estão a liberdade e a oportunidade de sucesso. A grande expansão econômica da década de 1920 foi um período bastante favorável para os USA. A prosperidade, todavia, não durou para sempre. A quebra da bolsa de Nova York em 1929 e a Grande Depressão que se seguiu devastaram a economia americana, e o país enfrentou um terrível período de crise. No entanto, os ideais do Sonho Americano não acabaram e, de fato, persistem até hoje. O presente estudo será embasado em trabalhos de Schumpeter (1946), Byrne (1873), Soule (1971) e Adams (1931) para realizar o contexto histórico e cultural.

Palavras-chave: História. Literatura. Arthur Miller. Morte do Caixeiro Viajante.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é responder à seguinte pergunta: quão precisa é a descrição que Arthur Miller nos fornece da sociedade americana durante os anos 20/30 e, particularmente, são bem-fundados os seus medos quanto ao Sonho Americano dispostos na peça *Morte do Caixeiro Viajante*?

Para buscar essa resposta, voltamos-nos para os livros de história, procurando saber como era de fato a sociedade americana e como era vista a questão do Sonho Americano, sem

¹ Graduado em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

² Graduado em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

³ Doutorando em Língua Portuguesa, pela PUCSP. Mestre em Comunicação e Linguagens, pela Universidade Tuiuti do Paraná. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa, pela UFPR. Especialista em Metodologia do Ensino de Primeiro Grau, pelas Faculdades Positivo. Graduado em Letras, pela Universidade Tuiuti do Paraná. Professor do curso de Letras das Faculdades Santa Cruz de Curitiba.

nos esquecermos de oferecer uma definição clara do que é, de fato, este Sonho, e como sua força molda não só a vida cotidiana dos Estados Unidos, mas também o modo como os outros países e seus habitantes vêem o país americano.

Além do contexto histórico da obra, faremos também uma breve biografia do autor em questão, para contextualizar ainda de forma mais profunda a obra e a sua relação com o período histórico americano de que trata.

Indagar sobre o Sonho Americano é questionar a própria essência do estilo de vida americano, questionar o capitalismo em si, o que pode ser um ponto controverso. É muito fácil se deixar levar pelo Sonho Americano olhando apenas para seu lado bom, ou ouvindo apenas as histórias de sucesso. É difícil olhar para a realidade, olhar para aqueles que tentaram e não conseguiram, e é exatamente isso que Arthur Miller, alguém que viveu tanto no auge do Sonho Americano quanto no seu ponto mais baixo (respectivamente, as décadas de 1920 e 1930), nos traz em sua peça, a realidade daqueles que buscam incessantemente o Sonho americano e eventualmente falham. O objetivo do presente trabalho é este, apresentar não só a história fictícia de Miller, mas a história real dos Estados Unidos nas épocas de maior turbulência de sua história recente.

2 O SONHO AMERICANO

Iniciaremos então o desenvolvimento do trabalho respondendo a mais uma questão: O que é, de fato, o Sonho americano? Este pode ser caracterizado como o *ethos* nacional dos Estados Unidos da América, um conjunto de ideais entre os quais se encontram a liberdade e a oportunidade de prosperidade e sucesso. O Sonho foi levado aos Estados Unidos já pelos imigrantes ingleses, que partiram para o Novo Mundo buscando terras, liberdade econômica e liberdade religiosa, pois muitos eram protestantes que buscavam fugir do clima instável religioso inglês da época. Uma das primeiras pegadas do Sonho na cultura americana se encontra no segundo parágrafo da Declaração da Independência, de 1776, que diz: “*We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal, that they are endowed by their Creator with certain unalienable rights, that among these are Life, Liberty and the Pursuit of Happiness*”.

A primeira definição pública do Sonho foi feita por James Truslow Adams em seu livro *The Epic of America*, em que diz: “Aquele Sonho de uma terra em que a vida deveria ser melhor e mais rica e mais completa para todos, com oportunidade para cada um de acordo com habilidade ou conquista” (ADAMS, 1931).

2.1 O SONHO AMERICANO NO SÉCULO XIX

O Sonho americano não se limitou aos colonizadores ingleses, os próximos a buscarem o Sonho foram imigrantes alemães que fugiram da Alemanha após a revolução fracassada de 1848. A liberdade política do Novo Mundo lhes era bem-vinda, como um deles a descreveu:

The german emigrant comes into a country free from the despotism, privileged orders and monopolies, intolerable taxes, and constraints in matters of belief and conscience. Everyone can travel and settle wherever he pleases. No passport is demanded, no police mingles in his affairs or hinders his movements ... Fidelity and merit are the only sources of honor here. The rich stand on the same footing as the poor; the scholar is not a mug above the most humble mechanics; no German ought to be ashamed to pursue any occupation ... [In America] wealth and possession of real estate confer not the least political right on its owner above what the poorest citizen has. Nor are there nobility, privileged orders, or standing armies to weaken the physical and moral power of the people, nor are there swarms of public functionaries to devour in idleness credit for. Above all, there are no princes and corrupt courts representing the so-called divine 'right of birth.' In such a country the talents, energy and perseverance of a person ... have far greater opportunity to display than in monarchies. (BOGEN, 1851, p. 7-9)

Como podemos observar nessa citação, os motivos que levaram os imigrantes alemães à América são semelhantes aos motivos que levaram os britânicos a colonizar o Novo Mundo em primeiro lugar.

Reforçando a ideia de que o Sonho não se resume a posses materiais, pelo menos neste momento, Adams define:

It is not a dream of motor cars and high wages merely, but a dream of social order in which each man and each woman shall be able to attain to the fullest stature of which they are innately capable, and be recognized by others for what they are, regardless of the fortuitous circumstances of their birth. It has been a dream of being able to grow to fullest development as man and woman, unhampered by the barriers which had slowly been erected in older civilizations, unrepressed by social orders which had developed for the benefit of classes rather than for the simple human being of any and every class. And that dream has been realized more fully in actual life here than anywhere else, though very imperfectly even among ourselves (ADAMS, 1941, p. 404-405).

Entretanto, com a descoberta do ouro na Califórnia, a promessa de riqueza instantânea passou a fazer parte do Sonho, levando milhares de americanos a imigrarem para o oeste em busca da prometida riqueza fácil, embora pouquíssimos realmente a encontrassem. O fato da realização do Sonho Americano ser restrita a poucos membros da sociedade é um dos temas que se repetirão durante este trabalho, graças à sua natureza capitalista e exclusiva.

2.2 O SONHO AMERICANO NO SÉCULO XX

Com a grande expansão econômica dos anos 20, o Sonho Americano passou a se tornar cada vez mais consumista, de acordo com a evolução da própria sociedade americana da época. Este ponto será discutido de forma mais profunda posteriormente, mas por enquanto é importante ressaltar a concomitância de oportunidades financeiras com a crença de que a ascensão social é um direito inerente a todos os americanos (i.e. faz parte do Sonho americano defendido na Declaração da Independência). Quanto mais fácil se torna enriquecer, mais americanos acreditam que merecem a riqueza, desconsiderando aptidão profissional, bússolas morais e etc. E, naturalmente, embora a Declaração da Independência diga que todos os homens são criados iguais, a busca pela riqueza e a própria liberdade quase sempre são exclusivas a indivíduos brancos do sexo masculino, e mesmo dentre estes nunca são todos os que de fato realizam o Sonho americano, pois este, conforme se torna consumista, baseia-se em princípios capitalistas onde para que se exista a riqueza de uns, a pobreza de muitos também deve existir.

2.3 OS ESTADOS UNIDOS NO FINAL DO SÉCULO XIX

Passamos aqui a falar do contexto histórico do país propriamente dito, começando pelo final do século 19, que foi um período de grande expansão populacional devido à imigração. Segundo Brackemyre (2015), os imigrantes chegaram em duas “ondas” de imigração: os chamados “velhos” imigrantes (1820 – 1870) e os “novos” imigrantes (1870 – 1920).

Os primeiros eram primariamente bretões, alemães e outros de descendência escandinava. Estes eram, de forma geral, letrados, protestantes ou judeus (com exceção dos irlandeses católicos) e integravam-se facilmente à sociedade americana. Incluem-se entre estes imigrantes os alemães mencionados no primeiro capítulo. Os irlandeses eram especificamente bem vindos em áreas rurais onde encontravam trabalho facilmente. Houve até um livro escrito por um padre católico irlandês incentivando a imigração para os Estados Unidos, falando sobre a facilidade de transporte e compra de terras da época. (BYRNE, 1873)

Os “novos” imigrantes que chegaram ao solo americano a partir de 1870 vinham predominantemente de países leste-europeus como a Itália, Grécia, Polônia, Rússia e de países asiáticos como a China. Estes imigrantes eram tipicamente mais pobres e menos educados que os “velhos” imigrantes. Além disso, eles eram majoritariamente católicos, gregos ortodoxos ou judeus e não estavam acostumados a viver num país de governo democrático. Por estas razões, os “novos” imigrantes não se adaptaram tão bem à sociedade americana quanto os anteriores, aglutinando-se em pequenas comunidades fechadas que consistiam apenas de

membros de suas respectivas etnias.

Aqui vemos um dos exemplos da célebre frase da independência americana não sendo levada a um sentido literal. Embora o cerne da crença americana seja a de que “todos os homens são criados igualmente”, com o aumento da população católica nos Estados Unidos estes passaram a enfrentar preconceito e discriminação da sociedade protestante da época, resquícios da colonização inicial americana feita por protestantes fugidos da Inglaterra. Inclusive, segundo Bromberg (2015) o Immigration Act of 1882 limitou a entrada de muitos católicos e outros imigrantes cuja possibilidade de independência financeira foi julgada inadequada pelo governo americano.

Além destes, também foi negada a entrada em solo americano de chineses, graças ao Chinese Exclusion Act of 1882, que além de banir a entrada de todo e qualquer chinês nos Estados Unidos também estabelecia uma multa de 500 dólares para qualquer pessoa que fosse pega tentando levar trabalhadores chineses para o país.

É digna de nota também a condição de vida destas pessoas. Muitos imigrantes acabaram nos cortiços ou nas periferias das cidades americanas, levando, como aponta Hammonds (2001), a um grande aumento do número de doenças e do índice de mortalidade das grandes cidades. Os europeus que, impulsionados pelas histórias fantásticas de enriquecimento rápido e ruas ladeadas de ouro - em outras palavras, pelo Sonho Americano - viajaram aos Estados Unidos buscando riqueza, oportunidade e liberdade, acabaram encontrando, ao invés disso, pobreza, descaso e morte. Aqui começamos a ver alguns dos indícios dos perigos do Sonho sobre os quais Arthur Miller discorre durante o subtexto de Morte do Caixeiro Viajante.

2.4 A DÉCADA DE 1920

É importante explicar o contexto da década de 1920 para podermos entender a Grande Depressão que se segue durante a década de 1930, período pelo qual se passou a infância/jovem adolescência de Arthur Miller.

Os anos 20 foram conhecidos em inglês como Roaring Twenties, e foram anos de grande crescimento econômico e prosperidade difundida, provindos de gastos até então adiados pela primeira guerra mundial, um boom na indústria de construção e o rápido aumento nas indústrias de bens de consumo como automóveis e eletricidade. Segundo Soule (1947), a economia americana foi bem-sucedida na transição de economia de tempos de guerra para uma economia de tempos de paz, sendo inclusive capaz de emprestar dinheiro para ajudar a restaurar a Europa. A economia americana cresceu muito devido a políticas

econômicas introduzidas pelo então presidente republicano Warren Harding, que, entre outras medidas, reduziu os impostos de renda que haviam sido aumentados durante a guerra, como aponta Schumpeter (1946). Os menores impostos sobre a riqueza permitiram que mais pessoas alimentassem o Sonho de enriquecer, e a produção em massa possibilitada pela revitalizada indústria dava aos novos ricos coisas em que gastar seu recém-adquirido dinheiro, dando então início à sociedade consumerista que deu combustível ao Sonho Americano.

2.5 A DÉCADA DE 1930

A quebra da bolsa de NY em 1929 efetivamente pôs fim aos Roaring Twenties, começando uma era de pobreza e dificuldade. Em 1933 aproximadamente 13 milhões de americanos estavam desempregados e praticamente metade dos bancos do país havia falido, perdendo aproximadamente 2.5 bilhões de dólares em depósitos. As fortunas adquiridas durante os anos 1920 desapareceram praticamente da noite para o dia assim que virou a década.

Neste tempo de tumulto econômico, foram necessárias medidas drásticas para a recuperação da nação. Entra Franklin D. Roosevelt e o seu New Deal, um conjunto de mudanças propostas para a revigoração da economia americana. As novas políticas ofereciam alívio para os desempregados e empresas com problemas, além de reformas no sistema bancário para evitar uma segunda quebra da bolsa.

Apesar da recuperação da economia americana, muitos criticaram o novo governo pela interferência econômica, que ia contra os ideais de liberdade sobre os quais o país se baseava. Apesar das extraordinárias circunstâncias, os cidadãos americanos não desistiram do Sonho Americano, que prega a ascensão social àqueles que trabalham duro, àqueles que são inteligentes e bem apossados, assim como Willy Loman. Até hoje, o New Deal é criticado por conversadores e libertários como o professor Thomas DiLorenzo (2004), que diz que Roosevelt não tirou os Estados Unidos da Depressão ou salvou o capitalismo de si mesmo como gerações de americanos aprenderam na escola. Essa resistência à intervenção governamental na economia é característica da crença americana baseada no Sonho.

3 A OBRA: MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE

Passaremos agora a tratar da peça em questão, *Morte do Caixeiro Viajante* de Arthur Miller.

3.1 O AUTOR

Arthur Asher Miller, nascido em Nova Iorque em 17 de outubro 1915, filho de Isidore Miller e Augusta Bennett, foi um dos principais dramaturgos do teatro norte-americano. Escreveu peças de grande relevância para a arte, como *A Morte do Caixeiro Viajante* e *As Bruxas de Salém*.

Estudou jornalismo na Universidade de Michigan graças seu próprio trabalho. Ali, teve encenada a peça “Honra ao Amanhecer”, que recebeu o prêmio Hopwood, iniciando, assim, uma série de peças e prêmios que se deram por conta de sua brilhante escrita e forma de retratar suas histórias e críticas.

Em geral, suas peças criticam situações reais de seu país, como, por exemplo, a falta de liberdade de expressão e perseguição aos comunistas. Em *A Morte do Caixeiro Viajante*, Miller critica a dificuldade e fracasso do Sonho americano.

Arthur teve três casamentos, o primeiro com Mary Slattery, sua namorada do colegial. O segundo, uma união turbulenta com Marilyn Monroe, marcada por traições. E o terceiro com a fotógrafa Inge Morath, com quem teve dois filhos e passou o resto de sua vida. Miller faleceu em 2005 nos Estados Unidos.

3.2 ENREDO

Diferente das peças a que o público estava acostumado, *A Morte do Caixeiro Viajante* trouxe aos palcos a vida do homem comum. Foi assim que Willy Loman, personagem principal da história, foi exposto. Nada de reis, rainhas, palácios e pessoas importantes. Aqui, o protagonista é trabalhador, tem problemas comuns, paga contas e envelhece com muitas dívidas. E dívidas.

A peça apresenta a história trágica do Willy, um vendedor de sessenta e cinco anos que passa a vida tentando ser bem sucedido e oferecer uma vida melhor para sua família. Seus filhos Biff e Larry são homens adultos e dependentes financeiramente do pai. Sua esposa, Linda, é responsável pelo lar e pelo controle das contas de casa.

O Sonho de Willy é atingir uma boa condição financeira e ter o reconhecimento de todos. No entanto, não se dá conta que os tempos e as prioridades mudaram e começa a ver sua vida financeira em decadência, acompanhada de sua família. Passa a vida lembrando que poderia ter ido com o irmão mais velho para o Alasca e ficado rico como ele. Vê também a diferença de sua vida e a de Charlie, que trilhou caminhos diferentes dos dele, teve uma boa estrutura, deu uma educação diferente e mais sólida para o filho e, então, tem maior tranquilidade financeira e emocional.

Willy sempre acredita que algo muito grande pode acontecer para melhorar sua

condição e a dos filhos. Não pensa que com dedicação, por exemplo, aos estudos, os filhos tenham ascensão financeira. Assim, tem ideias sem nexos e fantasia uma vida que poderia existir. Por outro lado, passa a vida trabalhando no mesmo emprego e da mesma forma. O Sonho americano de ter a casa própria quitada, dinheiro, equilíbrio financeiro e um futuro promissor para os filhos, é todo depositado em seu trabalho que é feito da mesma forma.

Willy lamenta pela falta de amor por parte dos filhos. Isso é algo que o magoa profundamente. Entende que um homem que trabalhou arduamente durante anos para tentar oferecer uma vida melhor à família, acredita que deveria ter um pouco de amor e consideração. Dentre tantas vezes que mencionou essa tristeza, uma delas é em relação à casa onde moram:

WILLY

Pois é. A gente trabalha a vida inteira para comprar uma casa e, quando a casa é da gente, não há ninguém para morar nela. (Ibid. p. 264)

No fim, depois de surtos, alucinações e tentativas de suicídio, Willy finalmente consegue se matar. Além da fuga de sua vida já bastante sofrida e triste, morrer parece ser uma saída para oferecer à família algum dinheiro. Acredita que morrendo, a esposa e os filhos receberiam o seguro. Por isso, todas as tentativas foram simulando acidentes de carro.

Linda retoma, na última cena, a reflexão que o marido fizera anteriormente sobre a casa:

LINDA

Perdoe-me, meu querido, eu não consigo chorar. Não sei por que, mas não consigo chorar. Não entendo. Por que é que você fez isso? Ajude-me, Willy, eu não consigo chorar. Parece que você só foi fazer mais uma viagem. E eu fico esperando você. Willy, meu querido. Não consigo chorar. Por que é que você fez isso? Eu procuro a resposta e não consigo encontrar, Willy. Hoje eu fiz o último pagamento da casa. Hoje, querido. E não haverá ninguém nela. (Um soluço sobe a sua garganta.) Não estamos devendo nada a ninguém. Estamos livres de obrigações. (Soluçando mais aliviada.) Estamos livres.... (Biff vem lentamente para ela.) Estamos livres... livres... (Ibid. p. 454)

3.3 PERSONAGENS

Willy Loman é um caixeiro viajante de 65 anos que passou a vida trabalhando para tentar garantir o mínimo de conforto e dignidade a sua família. Loman acredita no seu sucesso e dos seus filhos. Crê que a amizade, trabalho duro e influências serão a ponte para o sucesso. Desconsidera qualquer outro fator externo a isso. Nem mesmo admite a importância dos estudos. Willy acredita na possibilidade de que uma pessoa pode começar uma carreira do de forma modesta e ser bem sucedida.

Teve a oportunidade de seguir outra profissão, mas acreditou no sucesso das vendas.

Já cansado e sem forças, começa a apresentar delírios e frustração em relação ao emprego, à atualidade, família, e, principalmente, a sua condição financeira.

Tem como principal exemplo um conhecido, Dave Singleman, que é um velho caixeiro viajante de sucesso. Willy cita o velho de 84 anos diversas vezes para justificar sua confiança na profissão. Acredita que, por meio da amizade e sorriso, conseguirá as melhores vendas e ser um vendedor bem sucedido. Menciona que Singleman nem precisava sair do seu quarto do hotel para fazer boas vendas.

Eu pensei que poderia ir com meu irmão mais velho e encontrar meu pai, e talvez ficar com ele lá no Alaska. E eu estava quase decidido a ir, quando conheci um caixeiro-viajante na Parker House. Chamava-se Davé Singleman. Tinha oitenta e quatro anos e já tinha vendido mercadorias em trinta e um Estados. O velho Dave subia pro quarto, compreende, botava os chinelos de veludo verde — nunca vou me esquecer disso —, pegava o telefone e chamava os compradores. E mesmo sem sair de seu quarto, com oitenta e quatro anos, ganhava a vida. Quando eu vi isso, percebi que a carreira de um viajante era a maior carreira que um homem podia des-
jar. (Miller, 2009, p. 363)

Com esta convicção e vendo Dave ser amado por todos e, dessa forma, ser bem sucedido, Loman escolhe a profissão de vendedor. Acreditou que conseguiria uma boa posição social e sucesso por meio da amizade, trabalho e dedicação. Loman gostava da ideia de ser amado por todos. Este era um desejo seu.

Por acaso há no mundo alguma coisa mais formidável do que uma pessoa com oitenta e quatro anos capaz de viajar por vinte, trinta cidades diferentes, e ser lembrado, amado e ajudado por tantas pessoas diferentes? Sabe? Quando ele morreu — e por falar nisso, morreu a morte de um caixeiro-viajante, com seus chinelos de veludo verde, no vagão de fumar do trem Nova York—Nova Haven Hartford, a caminho de Boston —, quando morreu, centenas de caixeiros-viajantes e de compradores foram a seus funerais. Durante meses falou-se dele em todos os trens. (Miller, 2009, p. 364)

Biff e Happy são os filhos de Willy e Linda. São de caráter duvidoso e índole facilmente corrompível.

Biff passou alguns meses fora da casa dos pais. Mentiu a todos que estava viajando por muitos lugares, mas, na verdade, estava preso por ter roubado um terno. No decorrer da peça é possível compreender alguns motivos que contribuíram para que Biff se tornasse um adulto fracassado e mentiroso. Não tem paciência com seu pai e demonstra uma mágoa muito grande em relação a ele.

Happy, apesar de dependente dos pais, tenta ter empregos e demonstra ter mais

paciência com o pai, além de ser mediador na relação do Willy com Biff.

Linda é a esposa de Willy. É ela quem cuida da casa e do orçamento doméstico. É uma mulher bonita, boa e demonstra calma e tranquilidade. Nunca abandonou o esposo e os filhos. De fato, defende os filhos do marido, e o marido dos filhos. É submissa e não se importa com riquezas e status. Para ela, o básico e as contas pagas é satisfatório.

Bernard é amigo de Biff e Happy. Filho de Charley, vizinho e amigo da família. A diferença entre Bernard e os filhos de Loman é muito significativa desde a infância. Enquanto Biff e Happy se dedicavam às brincadeiras, jogos, cuidados com a aparência física e a conquistar mulheres, Bernard estudava e se preparava para o futuro. Essa diferença foi tão expressiva, que, quando os meninos são apresentados adultos, Biff e Happy são fracassados, Bernard é bem sucedido.

Charley, o vizinho, é o único amigo de Willy. É a ele que Willy recorre para pedir dinheiro emprestado e é só ele que está presente no enterro de Willy. Bernard dá bons conselhos ao amigo, mas Loman tem a ideia fixa de que as coisas mudarão e ele conseguirá ser um vendedor de sucesso.

Há também outra personagem de grande relevância, a Mulher. Miller se refere a ela somente como Mulher. Não há um nome. Willy teve um caso e, várias vezes, ela aparece em suas recordações ou alucinações. Ela é o motivo de Biff ter tanta mágoa do pai, pois, quando mais novo, descobriu o caso que tinham e nunca perdoou Willy por isso.

4 O SONHO AMERICANO EM “A MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE”

Para Willy, o importante era trabalhar duro para ganhar dinheiro. Mesmo que ele tivesse que viajar mil quilômetros e ficar longe da família. Acreditava que sendo vendedor iria conseguir atingir o Sonho americano.

Willy não percebia que trabalhar numa função sem se qualificar e reciclar não resultaria em alcançar seus objetivos. Ele não incentivava que os filhos estudassem, bem pelo contrário, incentivava que os filhos alcançassem grandes conquistas, mas de forma equivocada, pois, para ele, não haviam etapas a serem seguidas: seria por meio de jogos, ou abrindo uma loja de sucesso, por exemplo. Esperava que, dessa forma, ficariam ricos.

A diferença de educação e a forma de lidar com o futuro dos filhos pode ser notada quando Bernard, filho do vizinho, se preocupa e avisa sobre a nota baixa de Biff na escola. Eles não dão importância. Biff reprova. Bernard sempre estuda e, com isso, se desenvolve. Mais tarde, numa visita a Charlie, Willy vê que o rapaz se tornou um homem bem sucedido, enquanto seus filhos são dois fracassados e imaturos.

Willy frequentemente lembra-se de seu irmão, Ben, que conseguiu ficar rico explorando o Alasca. Em certos momentos, Willy se arrepende por ter escolhido tentar fazer carreira na empresa na qual trabalha.

WILLY

Fiquei morrendo de medo. Quase atropeliei um garoto em Yonkers. Meu Deus! Por que eu não fui para o Alasca com o meu irmão Ben daquela vez? Ben! Aquele homem era um gênio! Era o sucesso em pessoa! Que erro! Ele me implorou que fosse com ele. (Miller, 2009, p, 303)

Nessas lembranças, cobra-se por ter optado pela profissão de caixeiro viajante. Via o sucesso do irmão como algo fácil, como se o único esforço tivesse sido ir para o Alasca e o resto aconteceu espontaneamente.

HAPPY

Só gostaria de saber como ele conseguiu. WILLY

Qual é o mistério? O homem sabia o que queria e pronto! Conseguiu! Entrou no meio da selva e quando saiu, com vinte e um anos, estava rico! O mundo é uma ostra, mas não se quebra uma ostra com punho de renda! (MILLER, 2009, p, 303)

Contudo, o sucesso de Ben poderia não ter sido como Willy acreditava. Muitos outros casos de enriquecimento rápido naquela época aconteceram por conta da esperteza e atos ilícitos. Certa vez, Ben convida Biff para que dê um soco em seu estômago e, depois de muito insistir, o menino entra na brincadeira. Dá um soco e seu tio aproveita para ensinar uma forma, segundo ele, correta de vencer na vida:

BEN

Bom menino! (Subitamente avança, dá uma rasteira em Biff derruba-o e coloca aponta do guarda-chuva no olho dele.)

LINDA Cuidado! Biff Ei!

BEN (batendo no joelho de Biff)

Nunca jogue limpo com um estranho, menino. Desse jeito você nunca vai conseguir sair da selva. (Toma a mão de Linda e faz uma reverência.) Foi um prazer e uma honra conhecer você, Linda (MILLER, 2009, p, 316).

Com isso, Ben deixa claro que o Sonho americano não depende somente de trabalho e bondade. Resulta, também, de esperteza e um pouco de traição aos outros.

O Sonho americano que era, a princípio, oportunidade, terra, paz e liberdade para todos, é retratado, na peça, por meio da realidade de um homem que acreditou nesse Sonho de forma bastante profunda, mas não o atingiu. Willy passou a vida trabalhando e buscando reconhecimento por parte de seu chefe, no entanto, no fim da sua vida foi descartado por ele e o que restaram foram as alucinações, arrependimentos e conversas imaginárias com Ben.

Um dos maiores erros de Willy foi acreditar que ser amado e querido pelas pessoas, especialmente chefes e clientes, faria com que ele tivesse reconhecimento.

Não percebeu que o mundo e os negócios mudaram, pois tudo aconteceu rapidamente. Continuou com as mesmas ideias da sua infância e juventude, quando a realidade era outra.

A família, que era perfeita e feliz até Biff descobrir que o pai traía a mãe, deu lugar a brigas constantes entre Willy e seu filho, logo, desconforto a todos. Nesse ponto também é possível observar que o menino tinha o pai com herói, mas esse sentimento foi substituído por raiva, desprezo e indignação. A imagem de pai perfeito acabara quando Biff foi até um hotel no qual o pai estava hospedado numa de suas viagens, e descobriu outra mulher ali com ele. A partir daí, Biff mudou completamente com o pai, a quem atribuiu culpa integral de seu fracasso da vida toda.

A maior parte da peça se passa na cozinha da casa dos Lomans porque, além de mostrar os aparelhos eletrodomésticos que são, nessa época, sinônimo de riqueza e modernidade, são eles que sugam o salário de Willy. Os aparelhos frequentemente estragam e precisam de conserto. Miller apresenta, também, dessa forma, o que se tornou o objetivo de vida das pessoas: o consumo. O Sonho desenfreado de ter coisas, até mesmo aquelas que não se sabe bem quais são suas utilidades.

A peça apresenta a sociedade como extremamente consumista. Entende-se que felicidade e realização pessoal estão intimamente ligadas à ostentação. Miller mostrou que a busca pelo Sonho americano levou Willy e sua família ao fracasso.

Por meio do drama, o autor mostra o sofrimento e a fantasia do homem comum em relação a uma vida que se acredita ser merecedor e obrigado a viver. Arthur, já no início da obra, declara que “todo o mundo conhece Willy Loman”. Ou seja, é uma história corriqueira, assim como tantos casos reais de fracasso. A história de Willy Loman é um conto preventivo, cuja intenção é alertar aos leitores sobre os perigos inerentes à frenética busca por posse e satisfação pessoal sem objetivos verdadeiramente humanos. Biff menciona, durante a peça, que seu pai nunca era tão feliz quanto quando estava consertando ou construindo alguma coisa, e acreditava que, se seu pai cedesse a uma vida campestre, seria mais feliz. O próprio Willy passa boa parte da peça tentando fazer vingar uma horta no quintal de sua casa, apesar de saber que jamais chegaria luz solar às plantas e portanto elas morreriam. A horta pode ser considerada uma metáfora para a vida de Willy, que insistiu por tanto tempo numa empreitada infrutífera, sem perceber a falha principal inerente a ela. Assim como as plantas não eram capazes de crescer na terra onde eram plantadas, Willy como pessoa não era capaz de crescer na vida que escolheu para si, a vida de caixeiro viajante, a vida de vendedor, a vida do Sonho Americano. Se Willy, ao invés de se deixar levar pelas histórias de sucesso de seu irmão, tivesse preferido acreditar em outro Sonho Americano, o Sonho original, da posse de terra e

liberdade, por exemplo, definitivamente seria mais feliz. Mas Willy insistiu num Sonho falho e que já havia fracassado há tempo, e Loman, incapaz de enxergar esse fato, iludido pela pompa e circunstância prometidas pela sociedade da época, levando, inexoravelmente, a seu fracasso total: não apenas profissional, mas pessoal também.

5 CONCLUSÃO

Como podemos observar, muitos dos perigos do Sonho Americano expostos na obra de Miller, como o abandono de ideais humanos e realização pessoal, são condizentes com a realidade americana da época. Como muitos dos americanos que foram para a Califórnia em busca do ouro, como muitos dos americanos que apostaram alto em investimentos durante os anos 20, Willy acabou como os americanos dos anos 30: cobertos de dívidas, basicamente pobres. E, mesmo assim, nunca desistiram do Sonho. Inerente à crença no Sonho americano é a negação da realidade, a criação de um mundo idealizado de fantasia no qual o capitalismo sempre vai recompensar aqueles que acreditam e sonham alto. Nem sempre é assim. Aliás, muitas das vezes não é necessariamente assim. É preciso de mais do que fé no sistema, boa aparência e conexões para ser bem sucedido no mundo. É preciso de mais do que sorte, coisa que Willy nunca foi capaz de compreender, coisa que infelizmente muitos americanos ainda não compreendem, negligenciando áreas importantes da vida e deixando de se esforçar tanto quanto poderiam, buscando métodos escusos ou atalhos para enriquecer.

Pode-se até dizer que o Sonho Americano foi subvertido. Quando idealizado pelos *Founding Fathers*, quando descrito por James Truslow Adams, era o Sonho da liberdade, da posse de terra, da realização pessoal e humana. Com o tempo, passou a se tornar a realização de desejos mundanos e materiais, acoplados à hipocrisia e preconceito com pessoas de outras crenças ou outras etnias, como demonstrado não só na peça aqui trabalhada, mas também em outras obras de autores americanos da mesma época, entre eles F. Scott Fitzgerald.

Mesmo hoje, o Sonho Americano tem efeitos profundos na sociedade e psique não só americanas, mas também de outras culturas ao redor do mundo que se baseiam em princípios americanos.

O Sonho americano tem poder de atração inegável – poucos entre nós negariam o desejo de enriquecerem de um dia para o outro. Entretanto, é necessário manter em mente os sacrifícios necessários para obter sucesso, e resta a cada um decidir se vale a pena sacrificar a felicidade pelo sucesso financeiro ou profissional.

REFERÊNCIAS

ADAMS, J. T. *The Epic of America*. Simon Publications, 1931.

BOGEN, F. W. *The German in America*. Boston, 1851.

BRACKEMYRE, Ted. *Immigrants, Cities, and Disease*. US History Scene. April 10, 2015. <http://ushistoryscene.com/article/immigrants-cities-disease/>. Acesso em: 19 dez. 2016.

BROMBERG, H. *Immigration Act of 1882*. 2015. <http://immigrationtounitedstates.org/584-immigration-act-of-1882.html>. Acesso em: 20 nov. 2016.

BYRNE, S. *Irish Immigration to the United States: What it has been, and what it is*. New York: Catholic Publication Society, 1873.

DILORENZO, T. *The New Deal Debunked*, The Free Market, Volume 24, Number 11, November, 2004.

HAMBY, A. L. *For the Survival of Democracy: Franklin Roosevelt and the World Crisis of the 1930s*. Simon and Schuster, 2004.

HAMMONDS, E. "Infectious Diseases in the 19th-Century City," *Workshops in American History: Disease and History*. Annenberg Foundation, 2001.

MILLER, A. *A Morte do Caixeiro Viajante*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

_____. *Timebends: A LIFE*. New York: Penguin Books, 1995.

SCHUMPETER, J. A. "The Decade of the Twenties", *American Economic Review* vol. 36, n. 2, May, 1946.

SOULE, G. H. *Prosperity Decade: From War to Depression: 1917–1929*. Routledge, 1971.